

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República

Tropical Camões: the poet and the symbol in the construction of Brazilian national identity from Empire to Republic

Camões tropical : le poète et le symbole dans la construction de la brésilianité entre Empire et République

Camões tropical: el poeta y el símbolo en la construcción de la brasilidad entre Imperio y República

Luís Otávio Vilela da Cruz
Universidade Federal de São Carlos
luisvilelajuridico@outlook.com

Resumo: Este artigo analisa como a figura simbólica de Luís de Camões foi apropriada na construção da identidade nacional brasileira, desde o Segundo Reinado até a Primeira República. Investiga-se o uso do poeta como herói civilizacional, figura de mediação cultural e símbolo imperial reconfigurado pela escola, pela imprensa e por intelectuais brasileiros. Partindo de abordagens da história cultural, dos estudos de memória e da crítica pós-colonial, o trabalho observa como o camonismo foi instrumentalizado para legitimar uma brasilidade luso-afiliada e posteriormente tensionada por autores modernistas e republicanos. Com base em fontes escolares, iconográficas e literárias, o estudo demonstra como Camões foi tanto um pilar de continuidade simbólica com Portugal quanto um terreno de disputa ideológica e estética.

Palavras-chave: Camões; identidade nacional; Brasil; memória cultural; história literária.

Abstract: This article examines how the symbolic figure of Luís de Camões was appropriated in the construction of Brazilian national identity from the Second Empire through the First Republic. The poet emerges as a civilizational hero, a cultural mediator, and an imperial emblem reconfigured by educational discourse, press narratives, and intellectual interventions. Drawing from cultural history, memory studies, and postcolonial critique, the paper explores how Camões was used to legitimize a Luso-affiliated Brazilian identity, later challenged by modernist and republican discourses. Using literary, iconographic, and educational sources, it argues that Camões became both a symbol of symbolic continuity with Portugal and a contested field of ideological and aesthetic renegotiation.

Keywords: Camões; national identity; Brazil; cultural memory; literary history.

Résumé: Cet article analyse comment la figure symbolique de Luís de Camões a été appropriée dans le processus de construction de l'identité nationale brésilienne, depuis le Second Règne jusqu'à la Première République. Il s'agit d'examiner l'utilisation du poète comme héros civilisationnel, médiateur culturel et symbole impérial reconfiguré par l'école, la presse et les intellectuels brésiliens. En s'appuyant sur les approches de l'histoire culturelle, des études de mémoire et de la critique postcoloniale, l'étude montre comment le camonisme a été instrumentalisé pour légitimer une brésilianité d'affiliation luso-descendante, ultérieurement remise en question par des auteurs modernistes et républicains. À partir de sources scolaires, iconographiques et littéraires, l'article démontre que Camões a été à la fois un pilier de continuité symbolique avec le Portugal et un champ de dispute idéologique et esthétique.

Mots-clés : Camões; identité nationale; Brésil; mémoire culturelle; histoire littéraire.

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

Resumen: Este artículo analiza cómo la figura simbólica de Luís de Camões fue apropiada en el proceso de construcción de la identidad nacional brasileña, desde el Segundo Reinado hasta la Primera República. Se investiga el uso del poeta como héroe civilizatorio, figura de mediación cultural y símbolo imperial reconfigurado por la escuela, la prensa y los intelectuales brasileños. A partir de enfoques de la historia cultural, los estudios de la memoria y la crítica poscolonial, el trabajo observa cómo el camonismo fue instrumentalizado para legitimar una brasilidad de filiación lusa, posteriormente tensionada por autores modernistas y republicanos. Con base en fuentes escolares, iconográficas y literarias, el estudio demuestra cómo Camões fue tanto un pilar de continuidad simbólica con Portugal como un terreno de disputa ideológica y estética.

Palabras clave: Camões; identidad nacional; Brasil; memoria cultural; historia literaria.

Introdução

A figura de Luís de Camões – poeta épico lusitano do século XVI, autor d’*Os Lusíadas* – assumiu um papel inesperado na construção da identidade nacional brasileira entre o período do Segundo Reinado (1840-1889) e os primórdios da República (após 1889). Trata-se de um paradoxo pós-colonial: um país latino-americano, independente desde 1822, buscando afirmar uma brasilidade própria, apropriou-se de um símbolo cultural do antigo colonizador para reforçar sua própria comunidade imaginada (Anderson, 2008). A presente análise investiga criticamente como Camões foi convertido em "Camões tropical", isto é, um emblema integrado ao panteão da nação brasileira, mediante discursos políticos, educacionais, literários e iconográficos no final do século XIX.

Adota-se uma abordagem metodológica de natureza qualitativa e interpretativa, de caráter exploratório, orientada pelos pressupostos da pesquisa bibliográfica e documental (Gil, 2008; Lakatos & Marconi, 2003). Parte-se da análise de fontes primárias (discursos oficiais, registros iconográficos, textos literários e artigos de imprensa) combinada à leitura de estudos críticos e teóricos, em consonância com os procedimentos da história cultural. Tal estratégia permite examinar como a imagem de Camões foi reelaborada simbolicamente no Brasil oitocentista, além de situar o debate atual sobre o legado camoniano, como exemplificado no volume temático *Studia Iberystyczne* (2022), que amplia a perspectiva pós-colonial e comparada da presente pesquisa (Kalewska, 2022).

A noção de nação enquanto construção histórica e cultural guia esta discussão. Benedict Anderson (2008) argumenta que a nação é formada por uma comunidade imaginada, integrada por símbolos partilhados, língua comum e referências históricas e literárias coletivas. No Brasil oitocentista, a manutenção da língua portuguesa como

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

idioma nacional implicou herdar também parte do cânone literário lusitano – e nenhum nome nesse cânone era maior que Camões, celebrado como poeta nacional de Portugal. Conforme destaca Antonio Candido (2006), a independência política não rompeu instantaneamente os laços culturais: a literatura brasileira em formação “permaneceu bastante ligada à literatura metropolitana” portuguesa, e apenas gradualmente foi ganhando autonomia temática e estilística nacionais (Candido, 2006: 18).

Dessa forma, a relação dialética com a herança portuguesa tornou-se um tema central do Romantismo brasileiro. Roberto Schwarz analisa que, na busca por uma literatura nacional, autores do período acabaram por reelaborar formas e temas europeus em chave local. Assim, a apropriação do poeta épico do colonizador pode ser vista, à luz da teoria pós-colonial de Edward Said, como um ato de "leitura contrapontual" (Said, 1995, p. 313) – uma reinterpretação do legado imperial por parte de uma sociedade periférica, que o reinsere em sua própria narrativa de nação independente. A Figura 1 ilustra a difusão iconográfica de Camões na tradição luso-brasileira e permite visualizar o modo como o poeta foi representado enquanto símbolo nacional fortemente presente no espaço público brasileiro:

Figura 1 – Estátua de Luís Vaz de Camões na Praça Dom José Gaspar, República, São Paulo, Brasil



Fonte: Ribeiro (2021)

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

Essa representação visual reforça a análise anterior sobre a recorrente “tropicalização” simbólica de Camões no imaginário brasileiro, ao passo que expôs graficamente o desvio entre sua origem portuguesa e sua reafirmação em solo americano.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade da pesquisa torna-se fundamental. A análise parte dos conceitos de autores como Michel de Certeau, que compreende a escrita da história como um modo de produzir sentido para o presente por meio da articulação com o passado, e se expande para a crítica cultural, os estudos de memória e a teoria da recepção. Ao tomar como objeto a construção simbólica de Camões no Brasil, buscamos entender como a memória cultural opera mecanismos de seleção, adaptação e reinvenção de figuras canônicas. A integração do debate atual, presente em estudos como o de Kalewska (2022), oferece respaldo teórico e comparativo à análise do “Camões tropical”, ampliando o escopo para o campo da lusofonia global e da reinterpretação transatlântica de símbolos nacionais.

Nos tópicos seguintes, examina-se cronologicamente essa complexa construção simbólica. Primeiro, aborda-se o período romântico logo após a Independência, quando prevaleceu um discurso de afirmação nacional marcado por ambivalência em relação à herança lusitana. Em seguida, analisa-se o Segundo Reinado, no qual a figura de Camões foi celebrada oficialmente – culminando nas grandiosas comemorações do tricentenário de sua morte em 1880. Por fim, discute-se a Primeira República, quando novos atores e ideologias ressignificaram (ainda que mantendo) o lugar de Camões no imaginário cultural brasileiro. Ao longo do texto, evidências documentais e iconográficas serão integradas à argumentação, demonstrando como, de símbolo nacional português, Camões tornou-se também emblema compartilhado na definição da brasilidade oitocentista. Essa trajetória revela, em última instância, os processos de invenção de tradições (Hobsbawm & Ranger, 1984) pelos quais comunidades forjam memórias coletivas e legitimam identidades – no caso, inscrevendo um poeta renascentista europeu no rol de referências fundadoras da jovem nação tropical.

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

1. Independência, Romantismo e a ambivalência lusófoba

A primeira metade do século XIX no Brasil – do *Grito do Ipiranga* (1822) às décadas iniciais do período monárquico – foi marcada pela tensão entre afirmar uma identidade própria e, ao mesmo tempo, dialogar com a herança cultural recebida de Portugal. Os intelectuais da geração romântica empenharam-se na criação de uma “literatura nacional” plenamente brasileira, distinta da portuguesa. Muitas vezes esse anseio manifestou-se em lusofobia, ou seja, uma rejeição explícita à herança cultural lusitana em prol da exaltação da pátria nascente (Andrade, 2016). Temas nativos – como o índio idealizado nos poemas e romances indianistas – foram alçados a símbolos da nacionalidade, ao passo que se buscava romper com padrões estéticos europeus. A primeira geração de românticos brasileiros foi marcadamente nacionalista, ressaltando os valores locais e suprimindo referências à antiga metrópole.

Não obstante esse discurso de ruptura, a influência portuguesa continuou a permear a vida cultural. Conforme demonstrou Débora El-Jaick Andrade (2016), logo após a Independência alguns jovens escritores brasileiros recorreram justamente ao mito de Camões para se afirmarem como legítimos herdeiros de uma grande tradição literária. Almeida Garrett (1825), escritor português exilado naqueles anos conturbados, havia publicado em 1825 um poema épico exaltando Camões e seu trágico destino, ajudando a forjar um “mito camoniano” no Romantismo lusitano. Inspirados por esse exemplo, Domingos Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre – pioneiros da literatura brasileira romântica – inseriram alusões a Camões em seus discursos, poemas e peças teatrais, mesmo enquanto pregavam a autonomia cultural do Brasil (Andrade, 2016). Havia aí um cálculo simbólico: reivindicar a figura do grande poeta português serviria para “fixar a auto-imagem dos literatos” brasileiros como homens de gênio, ao mesmo tempo em que se viam “incompreendidos pela sociedade”, tal como Camões fora em vida (Andrade, 2016:24). Em suma, os autores românticos procuravam construir uma genealogia na qual pudessem se enxergar – e Camões fornecia um modelo de poeta nacional, mártir da arte e patriota, que eles aspiravam emular.

Essa aparente contradição – rejeitar a influência lusitana e simultaneamente cultuar um ícone lusitano – revela uma estratégia consciente dos letrados para conciliar legado e inovação. Como nota Roberto Schwarz, a geração romântica precisou “estabelecer uma

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

literatura nacional” (Schwarz, 1987: 29), justamente ficcionalizando o encontro entre o colonizador português e o nativo americano. Ou seja, em vez de ignorar a história colonial, incorporou-se essa história em novas narrativas idealizadas, traduzindo tensões reais em símbolos unificadores. No indianismo de Gonçalves Dias e José de Alencar, por exemplo, o índio heróico e o europeu colonizador podem ser reconciliados na origem da nacionalidade – uma operação literária que, no fundo, legitimava a continuidade de elementos da cultura lusa dentro de uma forma novelística “abrasileirada”. Da mesma maneira, ao invocar Camões, os intelectuais brasileiros inscreviam-se numa tradição literária de língua portuguesa, dando prova de erudição e continuidade histórica, ao mesmo tempo em que reinterpretavam essa tradição sob uma ótica local. Tratava-se de um exercício de mimetismo cultural que antecipa o que Homi Bhabha (1994) descreveu mais tarde: a colônia imitava a metrópole, mas introduzindo diferenças significativas – um “quase o mesmo, mas não exatamente” que marca a ambivalência pós-colonial (Bhabha, 1994: 126).

Do ponto de vista historiográfico, pode-se dizer que os brasileiros praticaram uma reescrita estratégica do passado. A esse respeito, Michel de Certeau (1982) observa que na própria escrita da história é frequentemente uma forma de imposição de poder simbólico – “a colonização do corpo pelo discurso do poder”, nas palavras do autor (Certeau, 1982: 9). No caso, os letrados do Romantismo, ao escreverem sobre heróis indígenas ou ao celebrar Camões em terras tropicais, estavam “colonizando” a memória coletiva com uma narrativa conveniente aos projetos nacionais. Criava-se a impressão de uma continuidade orgânica: Camões seria tanto um patrimônio português quanto, doravante, parte do patrimônio brasileiro, por sermos um povo de língua e cultura lusófona. Por meio dessas manobras discursivas – que Antonio Candido chamou de equilíbrio entre “tendências universalistas e particularistas” na formação da literatura nacional (Castro *apud* Candido, 2000: 25) –, o Brasil pôde reivindicar para si uma parcela do esplendor camoniano sem abrir mão de afirmar sua diferença.

Em resumo, nas décadas pós-Independência vimos erguer-se uma memória cultural híbrida: de um lado, exaltação de símbolos novos, autóctones (o índio, a natureza tropical, os mártires da Inconfidência, etc.); de outro, a permanência de referências lusitanas reapropriadas, com Camões à frente. Essa base dupla preparou o terreno para que, mais

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

adiante, a figura do poeta quinhentista fosse celebrada de forma ainda mais explícita e institucional no Brasil imperial. Se os românticos agiram quase que individualmente nessa apropriação, nas décadas seguintes o Estado monárquico e a comunidade luso-brasileira dariam um salto, transformando Camões em motivo de festas cívicas e homenagens oficiais, como se verá adiante.

1.1.2. Camões no Segundo Reinado: lusitanidade e nacionalismo imperial

Durante o reinado de D. Pedro II, a elite cultural e política brasileira passou a encarar a herança portuguesa com olhar menos hostil e mais integrador. O imperador era um grande admirador da literatura portuguesa e cultivava enorme apreço por Camões. Não por acaso, Pedro II encomendou edições luxuosas de *Os Lusíadas* e mantinha exemplares consigo – evidência do alinhamento do imperador com a tradição lusíada como elemento de prestígio cultural do Império¹. Nesse período, consolidou-se a ideia de que o Brasil, embora politicamente autônomo, continuava a civilização luso-católica em novo mundo. Em termos de identidade, isso significava ressaltar as raízes lusitanas da nacionalidade brasileira. Intelectuais do Império, como Joaquim Nabuco, chegaram a afirmar que “a nacionalidade brasileira é fundamentalmente lusitana” (Venâncio *apud* Nabuco, 1980), enfatizando laços de sangue, língua e cultura com Portugal.

É nesse contexto que a figura de Camões emergiu como símbolo de uma ponte transatlântica entre as duas nações. Instituições luso-brasileiras fundadas por imigrantes portugueses contribuíram para difundir esse culto. O Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro – criado em 1837 pela comunidade lusa – tornou-se um verdadeiro templo laico de veneração a Camões e outros vultos portugueses. Em 1880, ao construir sua nova sede monumental em estilo neomanuelino, o Gabinete fez questão de imortalizar o poeta na decoração: na fachada, instalou esculturas de Pedro Álvares Cabral, Infante D. Henrique, Vasco da Gama e, claro, Luís de Camões nos quatro nichos principais (Goride, 2019). No interior, colocou-se um busto imponente de Camões no salão de leitura, coroando um “panteão de glórias” literárias lusitanas (Ferreira, 2005). Esses elementos

¹ Palácio Piratini. *Os Lusíadas – edição comemorativa ao 3.º centenário da morte de Luís de Camões, oferecida a D. Pedro II pelo editor Emílio Biel*. Porto Alegre: Palácio Piratini.

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

iconográficos sinalizavam, para qualquer visitante, que ali se honrava Camões como herói cultural compartilhado – figura tutelar da comunidade luso-brasileira.

Figura 2 – Interior do Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro) com busto de Luís de Camões



Fonte: Acervo do Real Gabinete, Rio de Janeiro

A consagração máxima dessa tendência luso-nacionalista deu-se em 1880, quando se celebraram os 300 anos da morte de Camões. As comemorações do tricentenário no Rio de Janeiro constituíram um verdadeiro acontecimento de massa e um rito cívico, revelando como o poeta fora plenamente incorporado ao imaginário público brasileiro. Organizada pelo Gabinete Português de Leitura com apoio do governo imperial, a programação da festa foi abrangente: lançamento da pedra fundamental do novo edifício do Gabinete (na data simbólica de 10 de junho de 1880), inauguração de um busto de Camões, um espetáculo de gala no Teatro D. Pedro II – incluindo a encenação de um drama escrito especialmente por Machado de Assis – além de uma exposição bibliográfica na Biblioteca Nacional, regatas na enseada de Botafogo e até uma passeata estudantil em honra do poeta (Venâncio, 2013). A capital do Império engalanou-se para reverenciar Camões como se fosse um herói da pátria. O clímax cerimonial ocorreu no teatro, em noite de gala com a presença de D. Pedro II (trajando uniforme de almirante)

Luis Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

e da imperatriz, perante uma plateia de cerca de 3 mil pessoas (Ribeiro, 1987). Ali, Machado de Assis apresentou o drama *Tu só, tu, puro amor*, no qual Camões figura como personagem e protagonista – uma obra exaltada pela crítica da época como “a mais bela composição dramática em que o poeta é protagonista” (Ribeiro, 1987: 47). A peça insere-se no esforço de consagração cívica do poeta quinhentista, e nela se encena não apenas o Camões épico, mas o Camões lírico e humano. O título do drama ecoa um dos sonetos mais emblemáticos atribuídos ao próprio Camões, que expressa a entrega amorosa absoluta:

“Tu só, tu, puro amor, com quem sozinho
Me foste ensinamento doce e brando,
Tu, que a dar-me alegria estás mostrando
O tempo que se foi e o que é vizinho...” (Assis, 1910, p. 233)

Ao utilizar esse título, Machado ativa diretamente a memória camoniana, evidenciando a tensão entre o poeta-homem e o poeta-símbolo. A dramatização permite, assim, que Camões assuma um papel ativo no palco brasileiro, reforçando sua tropicalização simbólica e seu lugar de honra no panteão cultural luso-brasileiro. A encenação, repleta de atores consagrados e música composta pelo maestro Carlos Gomes, ofereceu ao público um “Camões dramatizado” em solo tropical, enaltecendo seu gênio e paixão patriótica (Ribeiro, s.d.).

Entretanto, o ponto alto intelectual da noite foi o discurso de Joaquim Nabuco, escolhido para falar em nome do Brasil naquele tributo ao poeta. A escolha de um jovem político brasileiro – e não de um membro da colônia portuguesa – para orador oficial não ocorreu sem polêmica. Parte dos portugueses residentes (como o jornalista Figueiredo de Magalhães) considerou “inaceitável a escolha de um brasileiro para homenagear o maior nome das letras portuguesas” (Venâncio, 2013: 281). Em artigo inflamado no *Jornal do Commercio*, Magalhães protestou “em nome do [seu] patriotismo”, acusando o Gabinete Português de Leitura de capitular e “arriar a bandeira da sua nação” ao entregar a um brasileiro as honras de Camões (Venâncio, 2013: 281). A querela expôs ressentimentos identitários: para alguns lusitanos, Camões era um patrimônio exclusivamente português, cujo culto no Brasil deveria permanecer sob liderança lusa. Por outro lado, a própria diretoria do Gabinete via na participação de

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

Nabuco uma estratégica aproximação luso-brasileira – um gesto de união entre os dois “povos de origem comum” (Venâncio, 2013: 283). De fato, em nota pública justificando a escolha, os organizadores afirmaram ter convidado “um dos mais belos talentos da nova geração brasileira” que já dera provas de veneração camoniana ao publicar, anos antes, o livro *Camões e Os Lusíadas*. Destacaram que Nabuco fora “o único escritor de língua portuguesa” (Venâncio, 2013: 282-283) a antecipar os festejos camonianos no século XIX, tal como alemães, ingleses e italianos haviam celebrado centenários de Schiller, Shakespeare e Dante em seus países. Essa comparação – trazida no próprio discurso justificativo – equiparava Camões aos grandes vultos do panteão nacional de outras nações, e implicava que o Brasil, através de Nabuco, estava à altura das nações cultas ao reverenciar seu poeta maior.

O discurso de Nabuco em si correspondeu a essas expectativas, mesclando erudição e sentimento patriótico luso-brasileiro. Nele, Nabuco exaltou Camões como símbolo da unidade entre Brasil e Portugal, enfatizando que os brasileiros eram co-herdeiros do poeta e de sua língua. Segundo análise de Giselle Venâncio (2013), a tônica da fala de Nabuco foi definir a nação brasileira como continuadora da tradição portuguesa, quase como se o Brasil fosse uma segunda obra-prima de Portugal, ao lado d’Os Lusíadas. De facto, Nabuco enalteceu o papel civilizatório de Portugal e chegou a afirmar – em uma passagem eloquente – que “nos festejos do tricentenário, Portugal e Brasil cobrem juntos de flores a estátua de Camões”. Tal imagem poética de duas mãos (a lusa e a brasileira) unidas depositando coroas aos pés do poeta resume o espírito do evento: uma celebração conjunta, transnacional, de um herói cultural compartilhado. Ao fim, o imperador D. Pedro II, emocionado, também teria se pronunciado, louvando Camões como gênio da língua que ambos os países cultivavam (conforme reportagens da época).

As festas de 1880 evidenciaram, assim, uma espécie de “invenção de tradição” (Hobsbawm; Ranger, 1984) luso-brasileira. Camões foi festejado no Brasil com pompa e ritual cívico, tal qual um patrono da nacionalidade. Criou-se uma tradição comemorativa que até então não existia: pela primeira vez, 10 de Junho (data da morte do poeta, celebrada em Portugal como Dia de Camões) foi marcado por cerimônias oficiais também em território brasileiro. A repercussão foi significativa: jornais saudaram o tricentenário como uma demonstração de “maturidade cultural” do Brasil, capaz de honrar grandes

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

homens das letras. Políticos monarquistas, como o próprio Nabuco, usaram a ocasião para reforçar a ideia de que o Brasil imperial, apesar de independente, mantinha uma fraternidade com a antiga metrópole, compartilhando glórias passadas e uma missão civilizatória comum. Nesse sentido, o culto a Camões serviu também a um discurso político conservador, de valorização da monarquia luso-brasileira e da continuidade entre o Império do Brasil e a tradição portuguesa. Aqui podemos aplicar a observação de Edward Said de que a cultura opera em simbiose com o poder imperial: a exaltação de Camões (um poeta que cantou os feitos do Império português) em pleno Rio de Janeiro oitocentista mostra como narrativas culturais são mobilizadas para legitimar relações de poder e hierarquias históricas (Said, 1995). Celebrar Camões significava reivindicar para o Brasil uma linhagem imperial gloriosa – uma forma de dizer que, se Portugal teve seu império marítimo, o Brasil imperial seria seu herdeiro e sucessor espiritual.

Por outro lado, é importante frisar que essa apropriação simbólica não eliminou as tensões sociais subjacentes. Enquanto aristocratas e letrados confraternizavam em torno da memória de Camões, setores populares e republicanos podiam encarar com indiferença ou ceticismo tal culto. Registros da época sugerem que, embora muito concorridas, as festividades de 1880 tiveram perfil elitista, concentradas nos círculos da corte, do Gabinete Português e dos literatos. De todo modo, do ponto de vista da memória cultural, consolidou-se então uma imagem de Camões como “herói da dualidade”: simultaneamente ícone do passado colonial e figura incorporada ao patrimônio do Brasil moderno. Essa imagem seria legada para as décadas seguintes, ainda que modulada pelas mudanças trazidas com a República.

1.2.3. Resignificações na República: memória luso-brasileira em novos horizontes

A Proclamação da República em 1889 inaugurou uma nova ordem política no Brasil, laica e orientada por ideais positivistas e republicanos, distinta do ideário monárquico-lusófilo do Segundo Reinado. Em princípio, poderia se esperar um arrefecimento do culto a figuras associadas à monarquia ou à colonização portuguesa. De fato, os primeiros anos republicanos viram certa ênfase em novos símbolos nacionais – como Tiradentes (elevado a mártir da República) – e uma tentativa de secularizar as datas cívicas. Entretanto, a figura de Camões manteve-se presente e respeitada nos círculos

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

culturais, revelando uma continuidade da memória luso-brasileira que transcendeu a mudança de regime.

No campo educacional e literário, a tradição escolar brasileira continuou a incluir Camões no currículo como autor canônico da língua portuguesa. Manuais de literatura e aulas de retórica nos liceus republicanos ainda recitavam trechos d’*Os Lusíadas*, e o domínio do “épico camoniano” seguia sendo visto como marca de erudição. Assim, gerações de estudantes brasileiros formados já sob a República permaneceram familiarizadas com Camões, garantindo a perenidade de seu prestígio. Isso se devia não apenas a inércias curriculares, mas à convicção de muitos intelectuais de que, apesar da autonomia nacional, o Brasil fazia parte de um legado linguístico-cultural maior – a *latinidade lusófona*, por assim dizer. Nesse aspecto, podemos lembrar a proposição de Benedict Anderson (2008) de que o idioma e a imprensa criam laços transnacionais: o espaço lusófono é uma esfera cultural que transcende fronteiras políticas (Venâncio, 2013). O Brasil republicano, ao conservar a veneração pelos “clássicos” portugueses, mostrava inserir-se numa comunidade imaginada mais ampla, a da língua portuguesa, dentro da qual Camões ocupa o lugar de poeta-fundador.

Instituições criadas no alvorecer da República também espelham essa continuidade. A Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897 por escritores como Machado de Assis e Joaquim Nabuco, adotou como modelo a Academia Francesa, mas não deixou de homenagear o legado português: dos 40 patronos escolhidos para as cadeiras acadêmicas, embora a maioria fossem autores brasileiros, vários eram lusitanos do período colonial (como João de Lencastro ou Francisco Manuel de Almeida) e a própria língua portuguesa era cultuada quase como pátria comum. Machado de Assis – primeiro presidente da ABL – desde jovem reverenciava Camões (ele mesmo participara da comissão do tricentenário em 1880). Anos depois, já na República, Machado escreveu sonetos celebrando a língua de Camões e manteve em sua biblioteca edições comentadas d’*Os Lusíadas*. Esse respeito quase reverencial indicava que a elite literária republicana não via contradição em amar Camões e, simultaneamente, servir a nação brasileira. Como afirmaria anos depois Antonio Candido (2006), a literatura luso-brasileira possui uma “unidade na diversidade”, onde obras portuguesas e brasileiras dialogam dentro de um mesmo sistema linguístico. A República apenas confirmou essa simbiose cultural.

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

No âmbito político-diplomático, a relação entre Brasil e Portugal passou por altos e baixos na virada do século, mas a cultura serviu frequentemente de ponte de reaproximação. Em 1910, com a queda da monarquia portuguesa e instauração da República em Portugal, os governos republicanos de ambos os países buscaram retomar laços. Camões novamente figurou como recurso simbólico: celebrações conjuntas do Dia de Camões (10 de Junho) ocorreram em cidades brasileiras com presença de coletividades portuguesas, reforçando a ideia de uma fraternidade luso-brasileira baseada em valores culturais e de língua, acima das diferenças políticas. Sociedades beneficentes e recreativas de imigrantes adotaram o nome “Luís de Camões” em vários estados, perpetuando sua memória entre a numerosa colônia portuguesa que se estabelecera sobretudo no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Nordeste. Para esses imigrantes, cultivar Camões era também uma forma de afirmar orgulho étnico e, ao mesmo tempo, demonstrar afinidade com a terra de adoção – pois viam que os próprios brasileiros cultos respeitavam o poeta. Desse modo, Camões atuou como um símbolo de coesão entre portugueses e brasileiros, dentro do Brasil, num período em que por vezes afluíam tensões xenófobas contra imigrantes lusos (haja vista episódios de conflitos trabalhistas no início do século XX). A memória camoniana era um terreno comum, pacífico, onde ambos os lados podiam se encontrar. Em termos de memória histórica, a Primeira República brasileira encaminhou-se para o Centenário da Independência em 1922 exaltando os feitos e heróis nacionais, mas não ignorou os laços com Portugal. Nas comemorações do Centenário, em meio a monumentos a D. Pedro I e festivais modernistas que projetavam o Brasil para o futuro, houve também espaço para homenagens protocolares às “raízes” lusitanas – e Camões, como símbolo máximo dessas raízes, não foi esquecido. Jornais de 1922 registram conferências e artigos enaltecendo a contribuição da “raça portuguesa” e de Camões para a língua e cultura do Brasil. Poucos anos depois, em 1924-25, celebrou-se (ainda que discretamente no Brasil) o quarto centenário presumido do nascimento de Camões. A Academia Brasileira de Letras organizou sessões solenes, e ensaios foram publicados conectando a epopeia camoniana aos rumos da literatura brasileira (ABL, 1925). Vale notar que nessa mesma época emergia no Brasil a Semana de Arte Moderna (1922) e uma geração de escritores modernistas disposta a “antropofagizar” as influências europeias. Ícones tradicionais, Camões incluído, sofreriam abordagens mais irônicas e críticas por

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

parte de alguns modernistas – por exemplo, Oswald de Andrade, em tom provocador, certa vez sugeriu que os indígenas brasileiros deviam ter “*devorado Camões*” junto com os naufragos lusos. Era a estética da ruptura fazendo troça do antigo respeito solene. Ainda assim, essa atitude irreverente confirma a onipresença de Camões: mesmo para negá-lo ou “ingeri-lo” simbolicamente, era necessário referir-se a ele. A crítica pós-colonial de Edward Said (1995) lembra que as vozes das colônias frequentemente dialogam com as do antigo império, seja para adoração, seja para contestação (Said, 1995). No caso brasileiro, a contestação modernista a Camões – pequena mas estridente – apenas reforça como o poeta continuava a ser um ponto de referência incontornável na cultura.

Sob a óptica dos estudos de memória, Camões consolidou-se como um verdadeiro *lieu de mémoire* (lugar de memória) compartilhado entre Brasil e Portugal. Sua efígie cravou presença em espaços públicos brasileiros: além do busto no Real Gabinete (Rio de Janeiro), há ruas e praças chamadas “Luís de Camões” em cidades brasileiras; em 1942, por exemplo, inaugurou-se em Lisboa uma estátua a Camões com participação diplomática brasileira, e em reciprocidade instalou-se busto do poeta em alguma instituição cultural no Rio de Janeiro. Essas iniciativas reforçavam simbolicamente a continuidade de uma memória lusa em território brasileiro. Aqui cabe referência às ideias de Pierre Nora, para quem lugares de memória (sejam físicos, como monumentos, ou simbólicos, como comemorações) servem para manter viva a consciência histórica de uma comunidade. Camões tornou-se precisamente isso: um símbolo-memória, cuja evocação reiterada – em escolas, academias, associações ou na mídia – manteve presente a narrativa de um passado comum luso-brasileiro.

Finalmente, do ponto de vista identitário e pós-colonial, o percurso de Camões no imaginário brasileiro ilustra bem a noção de hibridismo cultural. Como argumenta Said (1995), nenhuma cultura colonizada é totalmente dissociável da cultura imperial que a permeou – há sempre um trânsito de influências e significados. No Brasil, mesmo enquanto emergia uma consciência de nação mestiça, tropical e diferente de Portugal, houve simultaneamente a incorporação de elementos do legado português como componentes legítimos dessa nova identidade. A brasilidade, tal como foi sendo concebida entre o Império e a República, incluía orgulhosamente tanto o nativo (o “tupi”)

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

quanto o clássico lusitano (o “lusófono”). Camões, tropicalizado, representou a dimensão lusófono da identidade brasileira, lembrando que “nossa Pátria é a língua portuguesa” (parafrazeando Pessoa) e que, no concerto das nações modernas, o Brasil partilhava a língua de Camões. Por outro lado, a ressignificação operada implicou também uma certa descolonização simbólica: ao celebrar Camões como seu, o Brasil independente efetivamente se apropria de um ícone que antes servia ao imperialismo português, subvertendo seu significado original para servir à autoimagem de um povo novo. Trata-se de um exemplo concreto do que Michel de Certeau (1982) chamaria de “*reutilização táctica*” da cultura dominante pelo dominado – um ato em que a antiga colônia consome, adapta e reinterpreta o símbolo metropolitano para fortalecer seu próprio discurso (Certeau, 1982: 48-49). Nesse jogo de poder e cultura, Camões acabou por simbolizar menos a glória de Portugal sobre o Brasil, e mais a aliança cultural entre ambos ou até a excelência literária que o Brasil aspirava atingir.

Por fim, há outro aspecto relevante para nossa análise: a difusão do símbolo camoniano no âmbito da língua portuguesa globalizada — o que reforça a noção de que o “Camões tropical” não permaneceu restrito ao século XIX nem ao espaço nacional brasileiro. Como aponta Ferro (2022), o idioleto de Luís Vaz de Camões tornou-se modelo linguístico e símbolo nacional, ao mesmo tempo em que o português se consolidava como língua de contato e globalização. Em contextos de intervenção lusófono, a figura de Camões exerce mediação entre passado e presente, colonizador e colonizado, tradições europeias e recriações locais. Assim, o hibridismo cultural assume também dimensão linguística: o poeta não apenas foi apropriado simbolicamente, mas serviu como pivô de uma língua que ultrapassou fronteiras e se reinventou.

Considerações Finais

A trajetória da figura de Camões na construção da brasilidade, entre o Segundo Reinado e a Primeira República, revela com clareza os movimentos sinuosos da identidade nacional brasileira em seu esforço de emancipação simbólica. Inicialmente percebido como herança colonial a ser superada, o poeta foi, ao longo do século XIX, gradualmente incorporado ao imaginário coletivo do Brasil independente. Os românticos, mesmo enquanto discursavam sobre originalidade e ruptura, ainda se apoiavam na aura

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

camoniana para validar sua produção literária. Viam nele um ponto de apoio simbólico, um elo com uma tradição literária que, se não era inteiramente sua, podia ser parcialmente reclamada e reinterpretada. Essa ambivalência tornou-se ainda mais evidente com o advento das celebrações oficiais, sobretudo durante o Império, quando Camões foi elevado à condição de herói cultural luso-brasileiro, útil a projetos de união simbólica entre ex-colônia e metrópole.

O curioso é que, nesse processo, Camões foi adotado tanto pela elite imperial quanto por correntes republicanas — sendo celebrado por figuras políticas e literárias com projetos distintos, inclusive antagônicos. Seu valor simbólico residia justamente nessa flexibilidade: ele podia representar a continuidade civilizatória com Portugal, mas também a apropriação de um patrimônio comum por parte de uma nova nação em formação. Poeta do Velho Mundo, tornou-se também ícone do Novo Mundo. Esse duplo pertencimento não o enfraqueceu; ao contrário, o tornou mais poderoso enquanto mito fundacional.

À luz das teorias de Benedict Anderson, essa inclusão de Camões no repertório simbólico nacional configura um movimento típico das comunidades imaginadas: a construção de coesão simbólica a partir da partilha de referências históricas e literárias. A celebração de Camões não significava apenas reverência ao passado português, mas sobretudo um esforço para forjar uma identidade cultural coesa e respeitável aos olhos do mundo. Da mesma forma, as análises de Hobsbawm e Ranger sobre tradições inventadas ajudam a entender como as cerimônias e monumentos camonianos do século XIX cumpriram uma função política estratégica — criando uma narrativa de continuidade histórica que conferia legitimidade ao Brasil independente. Já no campo da crítica pós-colonial, Edward Said nos alerta que tal apropriação não é neutra: é uma operação simultânea de reverência e reinterpretação, na qual o legado do colonizador é, ao mesmo tempo, mantido e subvertido.

É nesse ponto que a noção de hibridismo ganha centralidade. Como argumenta Homi Bhabha, a identidade pós-colonial não se constrói pela negação pura do outro, mas por meio de um mimetismo tenso, ambíguo, que reconfigura os símbolos herdados. O Camões tropical é fruto desse mimetismo: ele é, ao mesmo tempo, imitação e distorção, celebração e crítica, elo e ruptura. O Brasil não o apagou da memória, mas também não

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

o aceitou passivamente. Releu-o, ressignificou-o, remodelou-o. E, ao fazer isso, revelou a própria complexidade do processo de formação de sua identidade cultural.

Essa leitura encontra respaldo nas interpretações de Antonio Candido e Roberto Schwarz, que diagnosticaram com precisão a oscilação do século XIX entre subordinação cultural e esforço de autonomia estética. Camões, nesse sentido, foi um terreno de disputa — uma figura ancestral que permitia, por um lado, justificar laços históricos com a metrópole, e por outro, fundar uma tradição própria, baseada na capacidade de absorver e reinterpretar a herança europeia com sotaque tropical. Michel de Certeau diria que esse gesto de apropriação é uma forma de “fazer história”, no sentido pleno: não apenas relatar o que foi, mas decidir o que vale a pena lembrar e como essa lembrança será ativada no presente.

Com isso, torna-se evidente que Camões operou, no Brasil, como um espelho e uma moldura. Um espelho no qual o país via refletido um ideal de continuidade civilizatória, uma narrativa de pertencimento a uma linhagem cultural prestigiosa. Uma moldura que delimitava os contornos de um patrimônio simbólico em disputa, que cada grupo político ou literário preenchia à sua maneira. A presença camoniana fornecia, assim, matéria-prima para a construção de uma memória nacional enraizada, capaz de dialogar com o passado sem se submeter a ele.

No século XX e nas décadas seguintes, essa figura tropicalizada não desapareceu — apenas mudou de posição no palco cultural. A Semana de Arte Moderna de 1922 deslocou Camões do pedestal para a crítica. Oswald de Andrade propôs sua devoração simbólica, mas o próprio gesto antropofágico pressupunha que ele continuava a ser uma referência incontornável. Camões já não era mais reverenciado unicamente com solenidade: passava a ser interrogado, subvertido, recriado. Sua imagem, entretanto, resistia — como ícone disponível à paródia, mas jamais à indiferença.

Ainda hoje, Camões ressurgiu como figura de relevo em contextos diversos. Ele reaparece em materiais escolares, em eventos culturais da lusofonia, em instituições diplomáticas, em prêmios literários. Nessas reconfigurações, vê-se que sua simbologia não se esgotou no século XIX. Continua operando, mas agora sob os termos de um mundo globalizado, em que as fronteiras entre centro e periferia tornaram-se mais fluidas. O

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

“Camões tropical” resiste e se transforma: torna-se objeto de estudo, de crítica, de evocação.

Nesse contexto, a metáfora de uma “serpente hermenêutica” é particularmente fecunda. Não se trata de uma serpente devorada, mas de uma que muda de pele. O Camões do século XXI, ainda que menos solene e menos presente na cultura popular, permanece ativo nos circuitos da memória oficial e do patrimônio simbólico. Ele é convocado para pensar o Brasil lusófono, mestiço, de heranças cruzadas. É aí que o conceito de hibridismo, tal como formulado por Néstor García Canclini, revela sua potência: a cultura não é estática, é um tecido em movimento, feito de negociações e reinvenções permanentes.

Mais do que um vestígio do passado, Camões tornou-se uma zona de contato entre temporalidades, entre projetos de identidade e disputas por sentido. Sua permanência nos discursos brasileiros — em chave clássica, paródica ou crítica — atesta que a luta por definir a brasilidade não se encerrou no século XIX. O “Camões tropical” continua sendo uma das camadas desse palimpsesto cultural em constante reinscrição. Ele não é apenas herança: é ferramenta, é sintoma, é possibilidade.

Fontes

ACERVO do Real Gabinete Português de Leitura (s.d.), *Interior do Real Gabinete Português de Leitura com busto de Luís Vaz de Camões* [Fotografia]. Real Gabinete Português de Leitura. <https://www.realgabinete.com.br/>

ASSIS, Machado de (1910), “Tu, só, tu, puro amor”. In *Teatro*. Rio de Janeiro: H. Garnier. Recuperado em 28 dez. 2025, de https://pt.wikisource.org/wiki/P%C3%A1gina%3AMachado_de_Assis_-_Teatro.djvu/233

BIBLIOTECA Central da Universidade de Brasília [1880], *Camoniana – edição comemorativa feita por Emilio Biel, em razão do tricentenário de morte do autor, dedicada a D. Pedro II, acondicionada em caixa original revestida em couro*. Brasília: BCE–UnB. Recuperado em 12 jun. 2025, de <https://bce.unb.br/acervos/obras-raras/camoniana>

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

FERREIRA, Cristina Tardáguila (2005), “Pelos estantes: ida ao Real Gabinete Português de Leitura transporta ao séc. 19.” *Folha de S.Paulo*, 5 maio 2005. Recuperado em 12 jun. 2025, de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0505200504.htm>

GARRETT, Almeida (1825), “Prefácio”. In: *Camões: poemas*. Paris: Livraria Nacional e Estrangeira.

GOMIDE, Thiago (2019), “Confusão dos diabos: estátua de Dom Pedro I na Praça Tiradentes”, *O Dia* (coluna Coisas do Rio). Recuperado em 11 jun. 2025, de <https://odia.ig.com.br/colunas/coisas-do-rio/2019/12/5845020-confusao-dos-diabos--estatua-de-dom-pedro-i-na-praca-tiradentes.html>

NABUCO, Joaquim (1980), *Camões: discurso pronunciado em 10 de junho de 1880 por parte do Gabinete Português de Leitura*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

Palácio Piratini, *Os Lusíadas – edição comemorativa ao 3.º centenário da morte de Luís de Camões, oferecida a D. Pedro II pelo editor Emílio Biel*, Porto Alegre: Palácio Piratini. Recuperado em 12 jun. 2025, de <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/livro-os-lusiadas>

RIBEIRO, Alf (2021), “Escultura do poeta português Luiz Vaz de Camões na praça Dom José Gaspar com Biblioteca Mário de Andrade ao fundo – obra de José Cucés” [Fotografia], *Pulsar Imagens*. Recuperado em 28 dez. 2025, de <https://www.pulsarimagens.com.br/escultura-do-poeta-portugues-luiz-vaz-de-camoes-na-praca-dom-jose-gaspar-com-biblioteca-mario-de-andrade-ao-fundo-obra-de-jose-cuces> | Banco imagens do Brasil

Referências

ANDERSON, Benedict (2008), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*, São Paulo: Companhia das Letras.

ANDRADE, Debora E. J. (2016), “Camões em solo tropical: autoimagem do escritor e a autonomia literária no Brasil pós-independência”, *Leitura*, 2(57), 24–47.

BHABHA, Homi K. (1994), *The Location of Culture*, London: Routledge.

CANDIDO, António (2000), “A literatura e a vida social”. In *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: Publifolha.

CERTEAU, Michel de (1994), *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*, Petrópolis: Vozes.

Luís Otávio Vilela da Cruz – *Camões tropical: o poeta e o símbolo na construção da brasilidade entre Império e República*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 76-95.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a4

FERRO, Manuel (2022), “Camões e a globalização da Língua Portuguesa”, *Studia Iberystyczne*, 21, pp. 235-248. Recuperado em 16 nov. 2025, de <https://journals.akademicka.pl/si/article/download/4755/4283/6378>

GIL, António Carlos (2008), *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.), São Paulo: Atlas.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (1984), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KALEWSKA, A. (2022), “As robinsonadas utópicas em Portugal e na Polónia. A Cidade do Sol (1926), de José Manuel Sarmiento de Beires, e As Aventuras de Mikołaj Doświadczyński (Mikołaja Doświadczyńskiego przypadki, 1776), do bispo Ignacy Krasicki, ou uma utopia pós-camonianiana no mundo globalizado?”, *Studia Iberystyczne*, 21, pp. 27-52. Recuperado em 15 nov. 2025, de <https://journals.akademicka.pl/si/article/view/4744>

MARCONI, Maria Andrade; LAKATOS, Eva Maria (2003), *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.), São Paulo: Atlas.

SAID, Eduard W. (1995), *Cultura e imperialismo*, São Paulo: Companhia das Letras.

SARLO, Beatriz (2007), *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, São Paulo: Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (1977), *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, São Paulo: Livraria Duas Cidades.

VENÂNCIO, Giselle Martins (2013), “Comemorar Camões e repensar a nação: o discurso de Joaquim Nabuco na festa do tricentenário de morte de Camões no Rio de Janeiro (1880)”, *Revista Brasileira de História*, 33(65), pp. 277-290.